



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**PERSPECTIVAS CONTRASTANTES NAS MACHETES JORNALÍSTICAS
DURANTE A PANDEMIA**

Os desdobramentos da abordagem cognitiva nos textos jornalísticos

Camila de Lima da Silva

Rio de Janeiro

2022

CAMILA DE LIMA DA SILVA

PERSPECTIVAS CONTRASTANTES NAS MACHETES JORNALÍSTICAS
DURANTE A PANDEMIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso

RIO DE JANEIRO

2022

CAMILA DE LIMA DA SILVA

PERSPECTIVAS CONTRASTANTES NAS MACHETES JORNALÍSTICAS DURANTE A
PANDEMIA

Os desdobramentos da abordagem cognitiva nos textos jornalísticos

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso – Presidente da Banca
Examinadora
Faculdade de Letras - UFRJ

Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de
Melo - Leitor Crítico
Faculdade de Letras - UFRJ

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a meus amados avós paternos Maria Elza e Eugênio, que hoje não estão mais presentes para comemorar esta minha vitória, mas que, durante quinze anos, forjaram meu caráter e me deram ânimo para conseguir chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

"Dai graças ao Senhor porque ele é bom, eterna é sua misericórdia." (Salmos, 117)

Gostaria, primeiramente, de louvar e bendizer a Deus por ter me sustentado até aqui, sem Ele nada sou nem posso fazer. Quero render minha gratidão também por Ele ter me dado Sua Mãe Santíssima que intercedeu e zelou por mim a todo instante do meu caminhar.

Mas Deus não faz Sua obra sozinho, Ele se utiliza de Suas amadas criaturas para atingir seus feitos. Por isso, também devo agradecer a meus pais, Anderson e Cristina, e a toda a minha família (avós, tios, tias, primos, primas), que foram grandes propulsores dessa caminhada. Há também uma outra espécie de família a qual tenho muita gratidão, meus queridos amigos, em especial destaque aqui os que foram meu suporte durante toda a graduação, Ana Carolina, Ícaro, Matheus e Rebecca, sem eles a faculdade não teria tanta graça.

Ainda sobre essas pessoas que marcaram minha história acadêmica, considero justo homenagear três pessoas que foram cruciais para estar hoje concluindo minha graduação em Letras, são elas: minha mãe Cristina, meu avô Eugênio e meu tio Adriano. Minha mãe não teve bagagem estudantil para me oferecer, mas não poupou esforços para que eu tivesse a oportunidade de estudar, tendo inclusive que fazer nobres sacrifícios para me levar à escola, sem nunca ter visto ela reclamar ou desistir. Já meu avô, também com pouco estudo, ofereceu o melhor que tinha: suas experiências, seu apoio e, mesmo que eu não pedisse, custeava minhas passagens de ônibus e lanches; seu zelo e carinho ficarão para sempre marcado em meu coração. Minha única referência de estudos na família, tio Adriano é o grande culpado por estar onde estou, pois sendo também da área da Letras, desde muito nova, me apresentou a este mundo da literatura, da gramática, da escrita e, desde então, nunca mais me vi sem tudo isso, a Letras já era parte de mim.

Jamais poderia esquecer de agradecer a todos os professores que passaram na minha vida estudantil, desde o maternal até os dias de hoje, pois todos foram fundamentais para minha formação como cidadã brasileira. Um agradecimento todo especial à minha ilustre professora orientadora Karen Sampaio, que com solicitude, paciência e muito carinho me acolheu e me possibilitou estar estudando mais aprofundadamente sobre essa área tão linda, que é a Linguística.

Esse é só o começo! Rumo ao Mestrado!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	10
3. METODOLOGIA	14
4. CONCLUSÃO	27
5. REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa analisar manchetes de diferentes jornais brasileiros publicadas no decurso da pandemia do novo coronavírus, identificando e contrastando como cada perfil de jornal constrói subjetivamente a realidade a partir da sua perspectiva.

Esse intento será alcançado por intermédio teórico das abordagens socio-cognitivistas e da Linguística do Texto. O interesse em investigar o gênero jornalístico não é privilégio somente desta década nem só deste século. Ao passo que o interesse pelo viés cognitivista da linguagem crescia, aumentava também o interesse dos linguistas em promover um aprofundado estudo em textos jornalísticos, já que são áreas aliadas, que unidas propõem novos saberes à comunidade. Marcuschi corrobora com isso ao afirmar que textos jornalísticos são escritos fortemente vinculado a três pilares linguísticos: a língua, a cognição e a sociedade.

O interesse nessa análise das perspectivas contrastantes dos textos jornalísticos advém igualmente da necessidade de ofertar à comunidade brasileira um maior senso crítico ao ato da leitura de jornal. Essa necessidade é percebida principalmente no período da pandemia (2020-2021), época em que houve uma massificação da desinformação; de acordo com a Associação Civil sem fins lucrativos Avaaz, 110 milhões de brasileiros foram atingidos por fake news na pandemia. Contudo, cabe salientar que a fake news não é a única forma de adulteração de informação, uma vez que a perspectivização encontrada nos jornais também exerce essa função de engrandecer uma perspectiva para diminuir outra. Por isso, é tão importante revisitar esse passado próximo no intento de averiguar as perspectivas aderidas e, assim, ser possível entender a informação. Aliás, “tomar consciência da manipulação da informação através da linguagem contribui para desenvolvermos a capacidade de pensar criticamente” (MAIA, 2007). Nesse sentido, mais do que desvendar os processos linguísticos que ocorrem nas entrelinhas de uma manchete jornalística, essa pesquisa proporcionará aos cidadãos um novo olhar sobre as influências jornalísticas.

Para uma maior compreensão de como sucederá essa pesquisa, observa-se, a seguir, a análise das perspectivas de duas manchetes jornalísticas selecionadas sobre o tema CPI da Covid.

Antes de se deter estritamente às manchetes, é relevante considerar que, sob o prisma da Linguística Textual, um texto seja ele qual for, até mesmo a manchete de uma notícia é visto e entendido por meio da noção de interação. Isto é, “os sujeitos são atores sociais levando em conta o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das

referências dos textos" (CAVALCANTE, 2013). Assim sendo, percebe-se que é preciso ampliar a noção de análise de um texto.

Destaca-se as seguintes manchetes:

(1) PGR pede que STF archive ações contra Bolsonaro e aliados do governo em apuração da CPI da Pandemia (CNN Brasil 26/07/2022)

(2) PGR enterra CPI da Covid e facilita discurso eleitoral de Bolsonaro sobre a pandemia (Folha de São Paulo 26/07/2022)

Antes de deter a atenção na manchete em si, considera-se relevante observar o contexto da publicação destas notícias. Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) é uma investigação realizada pelo Poder Legislativo em que se ouve depoimentos e se decide sobre determinado assunto, especificamente neste caso, trata-se sobre as medidas duvidosas ocorridas ao longo da pandemia. Dentre as quais, destaca-se a postura negacionista acerca da vacinação e o sistema de corrupção nas negociações da vacina e dos demais materiais necessários para o tratamento do coronavírus.

Ao propor uma breve análise, evidencia-se a discrepância na forma de oferecer ao leitor a mesma mensagem. No que se refere à manchete 1- “PGR pede que STF archive ações contra Bolsonaro e aliados do governo em apuração da CPI da Pandemia” - nota-se que a estrutura da frase está repleta de informações e novas informações acrescidas às informações anteriores, tornando-se uma manchete longa. Outro dado interessante é que o autor da notícia faz uso da sigla “STF” em referência ao Supremo Tribunal Federal, já que esse é um órgão de autoridade e transmite ao leitor a perspectiva burocrática e política deste evento, evocando o STF como validador desse processo de arquivamento. Ou seja, o jornal CNN constrói seu discurso mediante a perspectiva de requerimento de arquivamento por parte do PGR ao STF, numa postura de submissão e pacificidade. Essa manchete focaliza em informar somente sobre esta ação específica: a solicitação do arquivamento da CPI da Pandemia, não repercutindo sobre as consequências nem sobre as causas deste ato. Além disso, faz-se imperioso pôr em destaque os verbos selecionados para comporem a manchete: “pede” e “archive”. Tais vocábulos entram num grande contraste com os verbos selecionados pelo jornal Folha de São Paulo na constituição da sua manchete - “enterra” e “facilita”.

Por um lado, a CNN Brasil usou na manchete verbos com conotação de pedido, solicitação e desejo. Com isso, estava-se buscando transparecer um cenário mais brando, sem disputas políticas e dar maior proeminência ao assunto central da notícia: o arquivamento da CPI.

Além disso, por não utilizar outra autoridade sem ser o PGR, dá-se uma maior agentividade ao PGR, como um sujeito que age facilitando o discurso eleitoral de Bolsonaro.

Em contrapartida, a Folha utilizou na manchete 2 - “PGR enterra CPI da Covid e facilita discurso eleitoral de Bolsonaro sobre a pandemia” - ferramentas para compor o cenário oposto: o da guerra política. Nesse intuito, vê-se que o verbo “enterra” é uma das alusões à batalha, haja vista seu sentido ser pejorativo, de lançar terra sobre algo; nesse caso, lançar terra sobre a CPI da Covid para escondê-la. Nesse sentido, a focalização desta manchete consiste nos desdobramentos do arquivamento da CPI, e não no arquivamento em si. Outra distinção que vigora nessas duas manchetes é que, enquanto a CNN Brasil cita “Bolsonaro e aliados do governo”, a Folha diz somente sobre “Bolsonaro”, isso ocorre porque, ao passo que a Folha de São Paulo retrata sobre um possível privilégio de Jair Bolsonaro devido ao cargo que ocupa, a CNN Brasil coloca em foco o governo num todo por estar retratando um evento político a nível federal: a CPI da Covid, que engloba o presidente da República, bem como os demais governantes envolvidos.

Por fim, depreende-se que, embora tenham perfis jornalísticos distintos, ambas as manchetes podem chegar a mesma ideia de que PGR e Bolsonaro são aliados. O jornal CNN Brasil transmite ao leitor desta manchete esta ideia por meio de vocábulos brandos como “pede”, “aliado”. Em contrapartida, o jornal Folha de São Paulo aborda esse assunto numa perspectiva ríspida, o que fica nítido quando a manchete traz a seguinte situação: “enterra”, “facilita seu discurso eleitoral”, logo, a visão exibida é a de que há uma relação estreita entre Jair Bolsonaro e PGR na finalidade de concessões indevidas.

Atrelado a isso, percebe-se que Bakhtin estava certo ao afirmar que “o emprego da língua se realiza por meio de enunciados orais e escritos, ditos por integrantes de diferentes campos da atividade humana, que refletem as condições específicas e os propósitos comunicativos de cada campo”. Essa realidade dissemelhante entre os textos é percebida nessa análise de manchetes de diferentes jornais, dado que cada manchete é particular devido à perspectivização aderida pelo autor, o perfil do jornal, seu público-alvo e sua finalidade com aquele texto.

Dessa forma, fica sobressalente que o sentido de um texto não se dá apenas pelos significados das palavras, mas está numa constante interação entre locutor - co(n)texto - interlocutor (CAVALCANTE, 2013). Acrescenta-se ainda a isso o ponto de vista assumido pelo autor como fator relevante para uma maior diferenciação entre as manchetes analisadas. Portanto, esses exemplos evidenciam que não somente os jornalistas, bem como todos os

seres humanos, não retratam objetivamente sobre a realidade, mas constroem uma realidade por meio da língua, pautando-se sempre por uma perspectiva.

Assim, esta pesquisa adota o referencial teórico das abordagens socio-cognitivistas e da Linguística do Texto, delimitando, como objeto de estudo, a análise das diferentes perspectivas encontradas nas manchetes de diferentes jornais. Diante disso, tem-se como objetivo deste estudo evidenciar de que maneira a construção de um texto jornalístico pode apresentar aos seus leitores diferentes perspectivas, culminando em diferenciações no enquadramento das notícias.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Encontra-se nessa pesquisa os conceitos das abordagens socio-cognitivistas e da Linguística do Texto como fundamentação teórica para a análise do objeto de estudo.

Nota-se que a linguagem humana sempre foi um assunto intrigante para os homens, pois muitos questionamentos não são facilmente respondidos, por exemplo: não se compreende ao todo como se sucedeu a linguagem, como ainda se dá e como se dará ao longo do tempo. Diante dessas e tantas outras indagações, emerge, no século XX, a Linguística Cognitiva.

Em suma, na Linguística Cognitiva, aborda-se “a relação entre palavra e mundo mediada pela cognição” (FERRARI, 2011). Ou seja, nessa abordagem teórica, a linguagem concebe o significado como construção mental, e não uma mera representação do mundo. A partir disso, observa-se que há uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Tal campo de estudo aliou-se também ao interesse pelo fenômeno da significação e à investigação psicolinguística de Eleanor Rosch sobre a relevância dos protótipos no processo de categorização. Por conseguinte, a Linguística Cognitiva ganhou força e espaço entre os estudiosos norte-americanos, como George Lakoff, Ronald Langacker e Leonard Talmy, que são considerados os pilares desse âmbito linguístico.

Uma das obras mais marcantes para o ramo da Linguística Cognitiva é *Gramática Cognitiva*, de Langacker, publicada em 1983. Nessa obra, ele declara que “os significados linguísticos também estão alicerçados na interação social, sendo negociados pelos interlocutores”. Assim, ele esquia-se do pensamento de um significado estar relacionado estritamente a um conteúdo, e expande moderadamente esse significado a uma rede de construções possíveis, que permite incluir, até mesmo, aspectos da pragmática em seu conteúdo. Todavia, essa inovação de ideias não supõe o apagamento completo das teorias anteriores, haja vista que Langacker leva em consideração a estrutura semântica, fonológica e ainda as une numa terceira estrutura: a simbólica.

Assume-se, ainda, neste livro um posicionamento real experientialista, no qual o sentido é conceptualizado, isto é, o sentido é concebido a partir das experiências humanas, não estando ligado ao mundo, mas sim ao ser humano. Desse modo, pode-se afirmar que nunca se tem um uso da linguagem acontextual, visto que as expressões estão sempre submetidas à influência de fatores físicos, linguísticos, sociais e psicológicos, pois fazem parte da constituição do que é ser homem.

Nesse panorama de comparações, vê-se que é necessário adentrar no conceito de imagética convencional abordado pela Linguística Cognitiva, que menciona três fatores importantes: o

nível de especificidade, a proeminência e a perspectiva. A proeminência é compreendida como “um fenômeno conceitual, inerente à nossa apreensão do mundo, não no mundo em si.” (LANGACKER, 1983). Outro conceito relevante para aprimorar essa análise comparativa é o nível de especificidade, que afirma a existência de categorias mais genéricas e categorias mais específicas, por exemplo a palavra meio de transporte é mais genérica que a palavra avião, enquanto que avião é mais específico que meio de transporte. Por fim, menciona-se, ainda, sobre a perspectiva ser o ponto de vista de uma cena, o qual, normalmente, está atrelado ao falante, ou seja, majoritariamente, é o falante/autor que tem o poder de perspectivizar determinada fala ou texto.

Além disso, aborda-se, na *Gramática Cognitiva*, a premissa de que o indivíduo possui a capacidade de conceber e retratar a mesma realidade de maneiras distintas. Nesse sentido, cabe mencionar a perspectiva, segundo o próprio Langacker, como o ponto de vista assumido mediante o arranjo de visualização. Porém, só é possível depreender a noção de perspectiva quando se assume que o arranjo de visualização é a relação entre os espectadores e a situação visualizada, assim, tem-se um arranjo padrão quando os interlocutores estão reunidos num local fixo observando e descrevendo a situação do mundo ao seu redor. Sendo assim, o arranjo de visualização e a perspectiva são essenciais para a compreensão do significado de uma expressão e são capazes de moldar sua forma.

Ainda destaca-se o conceito de Frame - estrutura sistemática de conhecimento organizado a partir da esquematização da experiência (FILLMORE, 1982). Essa estrutura diz respeito ao processo que existe para a obtenção do significado: quando quer se interpretar uma ou várias palavras, é necessário acessar estruturas de conhecimentos armazenadas na memória de longo prazo, que são provenientes da experiência social compartilhada pelos falantes. A fim de elucidar, Fillmore (1982) traça um exemplo com a expressão “fim de semana”. Para compreender essa expressão, é fulcral ter acesso ao frame de “calendário cíclico”, originário do fenômeno natural da sucessão de dias e noites, além da convenção social de divisão da semana em dias de descanso e dias de trabalho. Tendo em vista tal conjuntura, pode-se afirmar que a perspectivização presente nos textos jornalísticos também depende do acesso a um determinado conhecimento próprio da experiência humana com esse gênero textual.

De acordo com Van Dijk (1986), os noticiários da imprensa são organizados por esquemas convencionais de notícias, que podem ser descritos como propriedades estruturais abstratas do discurso, estabelecidos por sistemas socialmente compartilhados de regras e estratégias aplicadas às estruturas reais das reportagens. Implicando, desse modo, em categorias esquemáticas iniciais que precedem as outras categorias. Tendo em vista que se trata de

esquemas convencionais, os textos do gênero jornalístico detêm aspectos próprios que fazem parte do conhecimento implícito do falante sobre a estrutura desses textos, visto que se fundamenta em experiências pessoais repetidas e categorizações socialmente compartilhadas. Por exemplo, as notícias são conhecidas pela presença de manchetes, lide, imagens, legendas, trata de assuntos de interesse público, abordando, para isso, eventos do passado.

Mediante esse padrão do gênero jornalístico, vale destacar que o esperado de uma manchete é a abordagem do tema central da notícia no intuito de emitir a macroestrutura temática de um texto ao leitor. Isso decorre de uma fonte de letra diferente, um tamanho de letra maior e estar inserida numa posição central destacada em negrito. Desse modo, a própria construção da manchete demarca sua importância, servindo como estratégia de chamar a atenção do leitor e, pautada na informação veiculada na manchete, influenciar o processo de compreensão da leitura do restante da notícia (lide, imagem, subtítulo e afins).

Ainda no que se refere à manchete de jornal, deve-se levar em consideração que ela apresenta também uma função mercadológica: reter a atenção do público-alvo na notícia para que comprem o jornal. Contudo, essa função, ao longo dos anos, sofreu algumas alterações, visto que há maior demanda dos jornais online em detrimento dos jornais impressos. Por conta disso, o intento das empresas jornalísticas que veiculam suas notícias na Internet é obterem o maior número possível de visualizações em seus sites para que, assim, tenham patrocinadores e lucrem cada vez mais. Dessa forma, os jornalistas costumam utilizar manchetes de cunho popular, opinativo e até mesmo sensacionalista a fim de concentrar a atenção do leitor no jornal e, conseqüentemente, reter maior visualização.

Cabe, ainda, abordar a Linguística do Texto com o fito de tomá-la como base teórica para esta pesquisa. Nessa situação, reconhece-se essa área linguística como aquela que estuda “as operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais” (MARCUSCHI, 1983). Em outros termos, pode-se afirmar que o processo da leitura é constituído não só por fatores linguísticos, mas também são ativados conhecimentos que estão armazenados na memória do leitor que contribuem para a produção de sentidos

Diante da gama de assuntos estudados sobre esse campo de pesquisa, ressalta-se a tese de Carolina Silva (2019), que retrata especificamente sobre as manchetes de jornal, dando enfoque na escolha verbal para a divulgação das notícias. Assim, observou-se que as escolhas temporais nas manchetes e subtítulos de jornais *online* refletem processos cognitivos associados a aspectos pragmáticos e estratégias de focalização. Desse modo, as escolhas

temporais particulares (presente, passado, ou referência à fonte reportada) perfilam facetas distintas do ato de fala de noticiar.

Mediante esses levantamentos, percebe-se que em um texto (inclusive o jornalístico) é preciso cooperar com o processo de significação do texto para ter acesso ao seu sentido. Isso sucede por meio de ações linguísticas que levem em consideração os processos cognitivos e sociais, ou seja, deve-se entender a palavra e o texto não puramente como reflexo do mundo, mas uma ação linguística intermediada pelas experiências da cognição. Isto posto, recorda-se que adotar os estudos da perspectiva também contribuem, haja vista que é capaz de demonstrar nosso mundo mental e a repercussão da análise de distintas perspectivas.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa recorta, como seu objeto de estudo, as manchetes de quatro jornais online brasileiros (G1, Folha de São Paulo, UOL e Jovem Pan) durante o período da pandemia (2020-2021) a fim de explorar a estrutura e mostrar as perspectivas semelhantes e dissemelhantes adotadas por cada veículo jornalístico. O objetivo é, então, estabelecer as motivações conceituais para cada tipo de construção frasal, bem como verificar o viés da perspectivização observada ao longo das manchetes coletadas.

Incorpora-se como hipótese desta pesquisa a existência de perfis diferentes de jornais numa mesma situação. Acredita-se, a princípio, que isso ocorre devido à construção linguística da realidade ser particular. Pauta-se, para defender essa hipótese, nas ferramentas linguísticas adotadas pelos jornalistas para evidenciar um determinado ponto de vista. Portanto, há de se desconstruir a ideia de que os textos jornalísticos são objetivos e neutros por meio da exibição dos perfis adotados por cada jornal e como isso se desdobra na prática para os leitores.

Nesse intento, é interessante explorar especificamente cada jornal a fim de compor seu perfil. Diante dessa situação, pode-se afirmar que o jornal Folha de São Paulo, segundo suas próprias pesquisas mercadológicas, tem como maior público homens de 45 a 54 anos pertencentes à classe B e com pensamentos liberais. Além disso, salienta-se o fato de adotar um viés de pluralidade, por convidar jornalistas das mais diversas ideologias para compor sua equipe, apresentando constantemente editoriais e colunas polêmicas.

Em outro cenário, encontra-se, numa pesquisa realizada pelo Grupo empresarial Globo, que administra o jornal online G1, a demanda de majoritariamente leitores mulheres, de 20 a 29 anos, com nível superior e da classe B; aliado a isso, a empresa adota um referencial mais homogêneo em seus textos com o fito de respeitar a visão dos líderes do Grupo Globo. Ainda nessa circunstância, cabe dizer que o jornal UOL é um dos grandes pioneiros do jornalismo online no Brasil e, por conta disso, abarca 114 milhões de leitores por mês das mais diversas categorias, tomando como fundamento uma maior desenvoltura cibernética, por seus longos anos de experiência na internet; apesar de ser, parcialmente, do grupo empresarial Folha, atua de forma autônoma e original. Deve-se ainda retratar sobre o jornal Jovem Pan, o qual mantém um maior destaque ao jornalismo político, especialmente nos últimos tempos tem apresentado um alinhamento com a extrema-direita e o presidente Jair Bolsonaro, além de contar com um forte apoio empresarial em seu financiamento. Ademais, salienta-se o fato de

ser um jornal tardio no que diz respeito à adesão à internet, já que, por muitos anos, permaneceu presente somente nas rádios.

Dessa forma, acredita-se que a origem, história, público-alvo e posicionamento político, social e econômico desses jornais online brasileiros culminam em notícias com perspectivas destoantes quando comparado entre eles. Por conseguinte, a escolha da Folha de São Paulo, G1, Jovem Pan e UOL como jornais para serem contrastados nesta pesquisa é a mais apropriada, uma vez que é capaz de exibir mais claramente a distinção de perspectivização adotada por cada empresa. Ao término desta pesquisa, espera-se obter o resultado de que cada jornal constrói a realidade da notícia pautado nas influências de seu próprio perfil jornalístico. Há de se defender isso, então, investigando linguisticamente a materialização dessas perspectivas particulares.

O recorte de tal objeto de estudo se dá pelas relevantes discussões levantadas pela sociedade no que se refere à veiculação de informações imparciais, principalmente durante a pandemia do novo coronavírus. Além disso, os perfis dissemelhantes dos jornais servem como aspectos fundamentais para se compreender como a perspectivização afeta a escrita. Nesse contexto, a discrepância encontrada entre os perfis de jornais na maneira de comunicar a mesma notícia tende a promover a conscientização da inexistência da linguagem neutra. Neste panorama composto pela ausência de pesquisas sobre essa temática tão atual, é imprescindível a existência de mais trabalhos como este, afirmando que é impossível uma linguagem sem parcialidade, devido essa característica estar na essência humana.

Dentre os dados coletados, será feita uma análise qualitativa. Os dados coletados foram divididos em temas para que haja uma maior compreensão e que a comparação entre esses materiais seja justa. Sendo assim, totalizam-se dezesseis manchetes a serem analisadas, as quais dividem-se em uma manchete de cada jornal para cada um dos quatro temas a serem estudados. Os temas que permearão essa comparação são: o primeiro caso de Covid no Brasil (março de 2020), a determinação do lockdown (maio de 2020), o pronunciamento do presidente da República sobre o uso da cloroquina (junho de 2021) e a primeira vacinação no Brasil (janeiro de 2021).

No que tange ao tema do primeiro caso de Covid no Brasil, destaca-se as seguintes manchetes:

(3) Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus (Folha 25/02/2020)

(4) Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil (G1 26/2/2020)

(5) Governo confirma 1º caso de coronavírus no país e coloca 20 sob suspeita... (UOL 26/2/2020)

(6) Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil (Jovem Pan 26/2/2020)

Ainda no que diz respeito ao contexto do primeiro caso de coronavírus no Brasil, vale mencionar que o cargo de ministro da saúde era ocupado por Luiz Henrique Mandetta, ex-deputado federal que compunha a equipe técnica de ministros de Jair Bolsonaro. Além disso, a situação experienciada no Brasil nesta circunstância era de negação, pois a população não supunha que o vírus adentrasse em solo brasileiro.

Ao propor essa análise comparativa, evidencia-se as destoantes perspectivas adotadas pelos jornalistas para retratarem a cerca de uma mesma realidade, nesse caso, sobre a confirmação do primeiro caso de pessoa infectada pelo coronavírus no Brasil. Enquanto as manchetes 4 e 6 - “Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil” - são exatamente iguais, nas quais ambas se utilizam das mesmas ferramentas: se respaldam no órgão federal de saúde do Brasil para dar a notícia da área da saúde, buscando oferecer uma validação por meio do argumento de uma autoridade. Ademais, esses dois jornais se utilizam de uma sequência vocabular direta sem interferência de informações adicionais, numa tentativa de ser mais objetivo possível na construção. Mais do que isso, vê-se que, neste caso específico, a perspectiva de jornais com perfis tão diferentes, como Jovem Pan e G1, são a mesma: construir a informação do primeiro caso de coronavírus no Brasil pautando-se sob o olhar técnico do Ministério da Saúde, fazendo com que a ciência seja a grande força motriz dessa notícia.

Em contrapartida, no que se refere à manchete 5, “Governo confirma 1º caso de coronavírus no país e coloca 20 sob suspeita”, percebe-se que a validação que o jornalista promove ao dar a notícia é por se tratar de uma informação ofertada pelo próprio governo. Unido a isso, observa-se que, ao compor a manchete fundamentando-se na perspectiva do “governo”, o jornal UOL exibe uma ênfase no setor político, apontando como as autoridades brasileiras estão lidando com o surgimento da doença. Isso é evidenciado quando o jornalista insere como informação complementar “e coloca 20 sob suspeita”, uma vez que é a única manchete a exibir para o leitor o que os outros jornais deixaram oculto: o posicionamento e as atitudes preventivas que os governantes tomaram. É válido, também, destacar que esta manchete é a única dentre as selecionadas que não menciona o termo “Brasil”, mas apenas “país”, fato que, implicitamente, faz com que se perceba que tal jornal toma a perspectiva de

que seus leitores são brasileiros e sabem que tal jornal só é divulgado no próprio Brasil, não tendo, portanto, necessidade de especificar sob qual país se trata o dado.

No que diz respeito à manchete 3, “Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus”, cabe mencionar que nem o governo nem o órgão federal ganham destaque, mas uma figura geral: o Brasil. Isso mostra que houve um apagamento do sujeito agentivo, dado que o jornalista evita mencionar “governo” ou “Ministério da Saúde” por exemplo. É por meio dessa construção direta (sujeito, verbo e seus complementos), sem adesão de termos acessórios explicativos que o jornalista optou por dar essa notícia. Nessa circunstância, o autor da manchete elabora sua perspectiva mediado pela figura do Brasil em contraste com os outros países, com o fito de também sobressair a informação de que é no Brasil que ocorre isso.

Diante desses pressupostos, vê-se que a função de sujeito dessas quatro manchetes dão proeminência a entidades diferentes: Ministério da Saúde (G1 e Jovem Pan), Governo (UOL) e Brasil (Folha). Partindo da afirmação de Langacker, “qualquer coisa selecionada é destacada em relação ao que não é selecionado, e um primeiro plano é saliente em relação ao plano de fundo”, nota-se, então, que, ao adotar especificamente estes termos para a manchete, os jornalistas abriram mão de outros que não convinham à perspectiva que gostariam de transmitir. Em outras palavras, o jornal G1 e Jovem Pan priorizaram o nível de especificidade do agente informativo do governo com o fito de promover uma aceitação mais fácil dos leitores à notícia, uma vez que foi uma autoridade do âmbito da saúde que a divulgou, assim, a proeminência está em destacar quem transmitiu essa informação em detrimento da própria informação.

Já no caso do jornal UOL, o que se observa é que a especificidade da entidade que dá a informação não é tamanha quanto a do G1 e Jovem Pan, isso sucede, pois a proeminência desta manchete reside na informação principal - o caso de covid no Brasil e suas consequências - haja vista que há a criação de mais uma oração com a inserção de um novo verbo além do verbo principal (confirma) que está presente em todas as manchetes. Logo, surge o verbo “coloca” nesta manchete numa construção frasal em que se dá ainda maior destaque à informação do novo coronavírus em detrimento da informação de quem propriamente validou esse dado.

No que se refere à manchete da Folha, há a adoção de um sujeito muito genérico (Brasil), numa postura de não necessitar de validação profissional da saúde para ofertar essa notícia ao povo. Outrossim, essa opção por usar “Brasil” também evidencia que a proeminência desta manchete está no fato do coronavírus ter chegado não a qualquer local do mundo, mas,

especificamente, no Brasil. Nesse sentido, essa manchete opta por deixar como plano de fundo tanto a informação do agente difusor desse dado quanto as informações particulares acerca do próprio coronavírus.

Dessa forma, dentro desta comparação, temos o seguinte panorama, no qual as manchetes 4 e 6 adotam uma perspectiva mais específica para validarem a informação por meio de uma autoridade sanitária, a manchete 5 se baseia numa perspectiva menos específica, porém mais focada na informatividade e a manchete 3 se ampara numa perspectiva de termo genérico que restringe a ocorrência do fato ao Brasil. Outrossim, depreende-se também que o perfil do jornal UOL exibido nesta manchete propicia um maior enfoque no âmbito político. Já os jornais G1 e Jovem Pan promovem um perfil jornalístico de destacar o setor técnico da saúde, todavia essa mesma abordagem se desdobra de modos diferentes, porque, enquanto o jornal Jovem Pan - devido ao seu perfil político e defensor da extrema-direita - utiliza-se desta autoridade sanitária para se precaver de possíveis críticas ao posicionamento dos governantes mediante à doença; por outro lado, o G1, por apresentar um perfil mais técnico e culto, pauta-se no Ministério da Saúde no intuito de conscientizar seus leitores e promover a ciência em detrimento dos achismos, além de apoiar a candidatura de Mandetta como presidente. Por fim, no perfil da Folha de São Paulo, fica sobressalente com esta manchete a preocupação da empresa com a doença a nível mundial e o interesse em desvincular esta notícia do governo de Jair Bolsonaro.

Acerca do assunto “lockdown”, tem-se as seguintes manchetes dos mesmos quatro jornais anteriormente citados:

(7) Lockdown já ocorre em cidades do Rio de Janeiro, Pará, Tocantins, Amapá, Roraima e Paraná. (Folha 17/05/2020)

(8) 18 estados e o DF anunciam prorrogação de quarentena e endurecimento de restrições para conter o coronavírus. (G1 3/05/2020)

(9) Saiba em que estados e cidades já foi decretado o lockdown no Brasil... (UOL 9/5/2020)

(10) Teich diz que discussão sobre lockdown ‘não pode ser política’ (Jovem Pan 7/5/2020)

Em meados de 2020, quando a sociedade e, em especial os políticos, discutiam sobre o isolamento social como forma de conter o espalhamento do novo vírus, emergiu uma polarização entre as pessoas que apoiavam a ciência e as pessoas que a negavam. Por conta disso, a discussão se tornou política, muito mais que propriamente científica, assim, ambos os

lados do polo buscavam aparatos técnicos com a finalidade de receber adeptos para seus pensamentos.

É possível notar que, por mais que retratem acerca da mesma realidade - o decreto do lockdown no Brasil - essas quatro manchetes tomam perspectivas diferentes, visto que se apoiam em perfis (foco específico de atenção) dissemelhantes. Para melhor compreender esta visão, faz-se necessário recordar que “ao ver uma cena, o que realmente vemos depende de quão perto a examinamos, o que escolhemos olhar, a quais elementos prestamos mais atenção e de onde vemos” (LANGACKER, 1983). Isto quer dizer que, quanto mais específicos forem os termos a serem utilizados num texto jornalístico, maior a propensão do fato sendo narrado apresentar detalhes com grande nitidez. Ao passo que as expressões menos específicas culminarão numa perspectiva de apresentação de características mais globais.

Tendo isso em vista, percebe-se que a manchete 7 - “Lockdown já ocorre em cidades do Rio de Janeiro, Pará, Tocantins, Amapá, Roraima e Paraná.” - opta por ser bastante específica, citando o nome dos lugares onde o lockdown já vigorava. Além de apresentar a manchete com uma só oração regida pelo verbo “ocorre” conjugado no tempo verbal do presente, sendo retratado como um fato objetivo, sem elementos linguísticos acessórios e ainda utilizar ferramentas para que haja um tom de impessoalidade na manchete, pois não há um ser que contenha toda a culpabilidade do lockdown, ou seja, não há uma agentividade. Com isso, tem-se que a proeminência desta manchete não está em explicar sobre como funciona o lockdown e suas consequências, por exemplo, mas sim em priorizar enumerar quais são as cidades que estão vivendo essa realidade de isolamento. Com base nisso, o jornalista evidencia o contraponto com as cidades que ainda não entraram no regime do lockdown, a fim de propor uma crítica sobre o tratamento desigual que as autoridades realizaram para suprimir a contaminação.

Sob outro prisma, há a manchete 8, “18 estados e o DF anunciam prorrogação de quarentena e endurecimento de restrições para conter o coronavírus.”, que, diferentemente da Folha, não lista quais são os locais do lockdown, pelo contrário, a construção frasal do G1 faz com que essa informação apareça de forma generalizada, uma vez que a expressão escolhida para isso foi “18 estados e DF”. Essa expressão oferece à manchete uma perspectiva pessoal, dado que mostra de forma clara que a culpabilidade do isolamento é dos 18 estados e DF; assim, quando comparada com a manchete 7, nota-se que há maior agentividade na manchete 8. Outro aspecto interessante é a escolha vocabular do jornalista ao empregar a palavra “endurecimento”, termo este que majoritariamente é encarado sob uma visão negativa e agressiva, que poderia ser facilmente trocado por “aumento”, entretanto não é trocada, pois o

intento do autor é justamente retratar a discussão do lockdown como um cenário de batalha, especificamente uma batalha política. Nessa situação, nota-se que a proeminência desta manchete está em descrever melhor sobre o lockdown, utilizando-se, inclusive, de mecanismos formais - como o uso de dois verbos e termos acessórios a fim de destacar e explicar melhor sobre o funcionamento do lockdown. Isto posto, nota-se que o perfil do jornal online G1 provocou nesta manchete uma perspectivização fundamentada no detalhamento sobre o lockdown, construindo a realidade de maneira que priorize o aparato técnico e burocrático do isolamento social na manchete, com o fito de enaltecer tanto a proposta do lockdown quanto a busca por conhecimento aprofundado acerca do próprio lockdown.

Por outro lado, tem-se a manchete 9 divulgada pelo UOL - “Saiba em que estados e cidades já foi decretado o lockdown no Brasil” - para noticiar sobre o lockdown em 2020. É válido mencionar que, por se tratar de um jornal online, ao ler uma notícia publicada nesse tipo de veículo, presume-se que a empresa jornalística faz uso de estratégias de marketing para atrair a maior quantidade possível de cliques em suas notícias, já que o lucro provém desse sistema - quanto maior o alcance de público na internet, maior a monetização. Nesse contexto, pode-se dizer que, ao jornalista do UOL adotar uma construção frasal na manchete que não cita os locais do lockdown nem os generaliza, na realidade, ele busca instigar a curiosidade do internauta a clicar em sua notícia para, então, descobrir quais são esses estados. Isso acontece através da palavra “saiba” que, na sua essência semântica, proporciona a ideia de tomar a iniciativa de conhecer algo. Pode-se unir a isso também o fato da formação na voz passiva “foi decretado”. Mediante a isso, surge o locativo “no Brasil” dentro de uma passiva, aumentando o grau de informatividade e compondo um cenário em que os estados são locativos e não agentes causadores do isolamento social, como foi visto em outras manchetes. Sendo assim, mais do que dar enfoque em quais cidades há lockdown ou na explicação esmiuçada sobre o lockdown, a manchete do UOL prioriza a experiência do leitor clicar na notícia para descobrir quais são esses lugares. Ou seja, o demasiado cunho cibernético do perfil jornalístico do UOL engrandeceu a perspectiva da interação online para gerar maior engajamento na sua notícia.

Na adesão a outra perspectiva, a manchete 10, do jornal online Jovem Pan - “Teich diz que discussão sobre lockdown ‘não pode ser política’” - é a mais destoante das demais, visto que essa empresa jornalística não publica qualquer notícia sobre os estados em que o lockdown foi decretado. Opta, em contrapartida, por publicar as reverberações sociais, políticas e econômicas desta medida governamental. Para que haja sentido nesta manchete, o jornalista da Jovem Pan presume que seu leitor é um cidadão atento e bem atualizado na questão

política, dado que cita o nome “Teich” sem previamente explicar que se trata do ministro da saúde vigente daquele período. A partir disso, reforça-se a visão de que as decisões do ministro serão técnicas e não políticas, posto que Teich é tanto médico (conhecimento técnico) quanto ministro (cargo político). Em última instância, há uma proteção contra reclamações, já que é enaltecida a área técnica do governo, para que, nas eventuais críticas, esse ministro seja mais facilmente apoiado, por não estar aliado à figura política, mas sim ao saber técnico. Portanto, a proeminência dada pelo jornal Jovem Pan não está no lockdown em si, nem nos locais que estão sob esse regime de isolamento, tampouco prioriza instigar o leitor a buscar essa informação. Na verdade, sua proeminência consiste na repercussão política sobre o lockdown mediada pelo argumento da autoridade sanitária, o ministro Teich. Logo, isso evidencia o quão bem atrelado está o perfil político bolsonarista do jornal Jovem Pan à sua manchete, na qual é perspectivizada a partir da realidade que mais lhe interessa: a política.

Cabe ainda comparar as manchetes do G1, UOL, Folha e Jovem Pan no que diz respeito às falas do presidente Jair Bolsonaro sobre o uso da cloroquina como medicamento contra o coronavírus. São elas:

- (11) Após motociata, Bolsonaro cita Deus e militares, enaltece PM-SP e cloroquina e ataca isolamento (Folha 12/6/2021)
- (12) Bolsonaro e seguidores insistem em tratamento com cloroquina, ineficaz contra a Covid (G1 12/6/2021)
- (13) 'Habemus cloroquina': documentos mostram esforço do governo por medicamento... (UOL 21/6/2021)
- (14) De voto impresso a cloroquina e motos, tudo que Bolsonaro defende vira obra do Satanás (Jovem Pan 19/6/2021)

Sabe-se que o contexto em que as palavras estão inseridas é uma ferramenta essencial na análise, por isso, é relevante dizer que a repercussão das falas do presidente da República no que se refere à cloroquina é uma discussão acirrada, haja vista que, de um lado, há os argumentos científicos, e de outro as ideologias políticas e sociais. No tocante a essa conjuntura, Jair Bolsonaro evoca essa temática em uma motociata com seus apoiadores e suas opiniões reverberam rapidamente nos noticiários, principalmente por tratar de temáticas como conservadorismo, militarismo e negação à vacina.

Tal como nos outros temas, essas quatro manchetes de 2021 apresentam perspectivas bem diferentes para o receptor da mensagem, o que pode ser explicado pelo fato de que “as línguas

são indissociáveis dos falantes, e, portanto, a pressuposição de neutralidade é sempre uma idealização” (FERRARI, 2011). Nesse contexto, vale a pena mencionar que os jornalistas não retratam a realidade do mundo em si, mas a concepção deles acerca desta mesma realidade, esse fato por si só faz com que se trate de uma linguagem subjetiva, levando em consideração que tal ato linguístico se relaciona com o mundo mediado pela cognição humana.

Perante essa ideia, é possível afirmar que a manchete 11 - “Após motociata, Bolsonaro cita Deus e militares, enaltece PM-SP e cloroquina e ataca isolamento” - é permeada de termos acessórios, contém mais de uma oração (há três verbos), e não apresenta uma proeminência tão clara, haja vista que promove uma certa igualdade entre os tantos e assuntos abordados na manchete - Deus, policiais, militares, cloroquina, motociata e isolamento. Nessa conjuntura, devido à tamanha subjetividade desta construção, a manchete não transparece um ponto específico de proeminência, mas vários pontos de proeminência: Deus, policiais, militares, isolamento e cloroquina. Assim, o foco do olhar do leitor, isto é, o foco da atenção, a proeminência, está justamente nesses termos específicos. Une-se a essa conjuntura, o uso da expressão de cunho agressivo “ataca”, deixando evidente que a realidade construída por este jornalista nesta manchete se fundamenta na perspectiva de guerra política na pandemia. Vale ainda dizer que a perspectivização desta manchete é construída mediante aparatos sociais e culturais diversos, como Deus, polícia, militares, isolamento social, para abordar um único assunto: o enaltecimento da cloroquina por parte de Jair Bolsonaro. Diante disso, observa-se que, tal como o perfil político e social da Folha de São Paulo é plural, do mesmo modo a fundamentação e perspectivização da sua manchete também é diversificada, para que, desse modo, os mais diferentes perfis de leitores sejam atendidos.

No caso da manchete 12, “Bolsonaro e seguidores insistem em tratamento com cloroquina, ineficaz contra a Covid”, percebe-se outra ocorrência de traços mais subjetivos, por conta da utilização do adjetivo “ineficaz”, o uso de termos acessórios (“ineficaz contra a Covid”), além do verbo “insistem” ter uma forte conotação pejorativa, por se tratar de algo recorrente, ainda que inócua. Com isso, nota-se que a proeminência desta manchete é apontar a ineficiência da cloroquina tão insistentemente recomendada por Bolsonaro e seus seguidores. À vista disso, tem-se a perspectivização dessa manchete moldada pelo perfil científico e acadêmico deste jornal, que tem como público-alvo cidadãos com nível superior, o que explica a existência de termos de cunho mais acadêmico como “ineficaz contra a Covid”.

Diante da mesma circunstância, a manchete 13 - “Habemus cloroquina!: documentos mostram esforço do governo por medicamento” - é singular, pois, ao invés de utilizar a estratégia da especificidade como as outras manchetes ao retratar sobre o presidente da

República - tratando-o como Bolsonaro - o UOL prefere aderir um vocábulo mais genérico (“governo”). Por conseguinte, essa perspectiva leva em conta que Jair Bolsonaro, bem como todos seus parlamentares partilham do mesmo pensamento sobre o uso da cloroquina, tornando impessoal o agente causador disso, além de tratar essa questão como algo político, a ser tratado pelo governo, e não como uma realidade sanitária. Outro dado que vale ser considerado é o uso da mesma estratégia no que diz respeito ao nível de especificidade escolhido para fazer referência à cloroquina, já que adotou-se “medicamento” (localizado no polo mais genérico do continuum da especificidade). Há também mais um aspecto para analisar: o uso do termo acessório “Habemus cloroquina”, que mantém a função de fazer referência à fala de Nestor Foster, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, em uma correspondência eletrônica. Ademais, ao afirmar que o governo se esforça por este medicamento, a manchete, na realidade, diz ao leitor que as autoridades governamentais são capazes de se esforçar, contudo só se esforçam por aquilo que não convém à população. Nessa situação, nota-se que, nesta manchete, a construção subjetiva da realidade é baseada na perspectiva política da situação - “Habemus cloroquina”, “governo” - porém a questão política não finda em si própria, já que o intento dessa perspectiva é ampliar a interação dos internautas tal como propõe o perfil desse jornal.

Ainda é necessário analisar a manchete 14 - “De voto impresso a cloroquina e motos, tudo que Bolsonaro defende vira obra do Satanás” - que, assim como a Folha de São Paulo, não se limita à temática da cloroquina, mas também cita voto impresso e motos, possibilitando uma espécie de proeminência partilhada, como se cloroquina, voto impresso e motos estivessem num mesmo grupo de informações. Ademais, esta manchete não faz uso da ordem direta de construção frasal, visto que os termos acessórios foram deslocados para o início da frase com o fito de lhes oferecer maior destaque. Com base nisso, entende-se que “tudo” faz alusão à “voto impresso, cloroquina e motos”. Aliás, não se pode ignorar a referência irônica do jornal feita à “Satanás”, propiciando, então, uma crítica contra a visão negativa sobre as ideias do presidente, concebendo-o como uma vítima que é perseguida injustamente. Por esse ângulo, observa-se que o perfil do jornal Jovem Pan ocasiona nesta manchete uma perspectiva política de apoio ao presidente Bolsonaro, em que, de culpado, torna-o perseguido injustamente e, dessa forma, influencia aos seus leitores a pensarem do mesmo modo.

Em suma, essas exposições mostram que as quatro manchetes da temática da cloroquina não são só destoantes, como também conflitantes. Pois, enquanto o jornal G1 é taxativo ao afirmar que o tratamento com cloroquina é ineficaz, por outro lado, o jornal Jovem Pan defende que há uma perseguição contra Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, uma perseguição

a tudo o que ele defende (inclusive a cloroquina). Cabe, então, dizer que essa disparidade na perspectivização sucede por conta de todas as palavras serem polissêmicas, em virtude de cada ser humano conceber o mundo e, conseqüentemente, as palavras de uma forma singular.

Vale deter o olhar comparativo sob as manchetes de outro tema pandêmico: o início da vacinação no Brasil. Para suprir esta finalidade, destaca-se tais manchetes:

(15) Minutos após o aval da Anvisa, enfermeira de SP recebe a primeira vacina contra Covid no Brasil (Folha 17/01/2021)

(16) Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a receber vacina contra Covid no Brasil (G1 17/01/2021)

(17) Brasil aplica primeira vacina contra a covid-19 em meio a uma guerra política... (UOL 17/01/2021)

(18) Enfermeira de SP é a primeira brasileira a ser vacinada com a CoronaVac: ‘Muita emoção’ (Jovem Pan 17/01/2021)

Anteriormente e durante a publicação destas manchetes sobre a primeira pessoa vacinada em terra brasileira, havia instaurado no Brasil um clima de disputa política em meio à pandemia. Isso por conta do embate entre João Dória (prefeito de São Paulo, na época) e Jair Bolsonaro (presidente), no qual ambos buscavam se promover eleitoralmente às custas do sistema de vacinação. Somado a isso, tem-se ainda neste cenário a disputa entre os que preferem aderir à cloroquina como medicamento preventivo e os que fomentam a vacinação.

Nesta manchete 15 - “Minutos após o aval da Anvisa, enfermeira de SP recebe a primeira vacina contra Covid no Brasil” - fica claro que mais uma vez a ordem não-direta da frase propõe uma proeminência diferenciada, além do verbo “recebe” possibilitar que a enfermeira não seja o agente, mas paciente da ação. Isso provém de os termos acessórios (“Minutos após o aval da Anvisa”) propiciarem a focalização, que é o processo de acessar porção particular do universo conceitual por meio de expressões linguísticas. Ou seja, há a focalização da autorização de uma entidade sanitária como argumento validador da notícia sobre a vacina. De maneira análoga, o uso constante de complementos, como “de SP”, “contra Covid”, “no Brasil”, revela que o nível de especificidade é alto e que tais termos sem essas especificidades não são equivalentes, porque são originários de caminhos composicionais diferentes. Conforme os estudos de Langacker, essa estrutura composta é de maior complexidade simbólica e decorre de uma relação de plano de fundo versus primeiro plano, em função de que primeiro se acessa os significados individuais para alcançar essa nova concepção

composta. Isto posto, pode-se inferir que a perspectiva do jornal online Folha de São Paulo não se reduz à enfermeira receber a primeira vacina, mas alia isso à rápida execução da vacinação em São Paulo após a permissão da autoridade de saúde; no que diz respeito a isso, vê-se que a perspectivização adotada pelo jornal reforça a ciência e suas pesquisas, já que o perfil da Folha de São Paulo lança mão de diversas fontes para compor sua notícia e, assim, estar protegido de quaisquer reclamações ou críticas, pode-se ainda dizer que, ao reforçar demasiadamente a vacinação no estado de São Paulo ter sido rápida, o jornal Folha de São Paulo tende a apoiar a candidatura de João Dória - o administrador deste estado e do esquema vacinal neste período.

No quesito primeira vacinação brasileira, o jornal G1 assume na manchete 16 - “Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a receber vacina contra Covid no Brasil” - uma postura objetiva, simples, com poucos termos acessórios e sua construção de ordem direta. Essa estrutura difunde a perspectiva de que a proeminência está em “enfermeira de 54 anos”. Isto significa que não é qualquer cidadão brasileiro, mas uma mulher, enfermeira, de 54 anos. Assim sendo, essa manchete tende a focalizar mais a pessoa que recebeu a vacina do que propriamente a vacinação. Em outras palavras, o perfil do jornal estimula o autor da manchete a compor um texto que perspectivize mais a cidadã que a vacina, visto que culminará numa maior empatia por parte dos leitores com a vacina, já que, ao verem uma pessoa aceitando receber a vacina, os demais também se sentirão seguros para se vacinar, além de se dirigir especificamente ao seu público-alvo majoritário: mulheres de nível superior.

A manchete 17 - “Brasil aplica primeira vacina contra a covid-19 em meio a uma guerra política” - foi a que apresentou maior variação, posto que sequer menciona a pessoa receptora da vacina. Não obstante, preconiza compor a manchete pela perspectiva política. Devido a isso, encontra-se o termo genérico e impessoal “Brasil” como sujeito menos agente da aplicação da vacina, numa figura metonímica. Adere-se também a termos acessórios “em meio a uma guerra política” para reforçar a perspectiva política. É, então, por meio dessa expressão que fica claro o apagamento da ação de vacinar em prol da proeminência dada a fatores externos, como o contexto político. Isto significa dizer que a construção da realidade nesta manchete se dá mediante à perspectivização enfocada na questão política para que o perfil polêmico e popular do jornal UOL seja mantido e atraia seu público.

Por outro ângulo, há, também, a manchete 18 - “Enfermeira de SP é a primeira brasileira a ser vacinada com a CoronaVac: ‘Muita emoção’” - de forma análoga ao G1, focaliza na figura da enfermeira. Depreende-se essa circunstância através do complemento “de SP”, além do destaque dado à sua fala. Contudo, percebe-se igualmente uma proeminência na vacina, uma

vez que esta é a única manchete a citar o nome da vacina “CoronaVac”. Assim sendo, analisa-se que o ponto de vista pressuposto nesta manchete é o de focalizar nos atributos científicos - “enfermeira”, “CoronaVac” - e, assim, o perfil desse jornal recebe suporte teórico na discussão política que envolveu o esquema de vacinação.

Dessa forma, percebe-se que “a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical” (MAIA, 2007). Isto significa dizer que não são somente as palavras que promoverão o significado e entendimento das manchetes jornalísticas, mas também todo o contexto ao seu redor, tal como o perfil do jornal analisado, as experiências do jornalista e a temática que está sendo abordada. Logo, para depreender completamente uma manchete de jornal, necessita-se, além de saber ler, tomar ciência das perspectivas adotadas, conhecer o perfil jornalístico de cada empresa e adotar uma postura mais crítica e consciente da informação que está sendo transmitida.

4. CONCLUSÃO

Posteriormente a essas análises, nota-se que a comprovação da hipótese levantada acerca da existência de certos perfis jornalísticos tenderem a orientar o viés de cada manchete a uma perspectiva condizente com as diretrizes da empresa jornalística em questão.

Nesse sentido, observa-se que a Folha de São Paulo adota um comportamento massivo de especificidade, dado que três das quatro manchetes destacadas dessa empresa apresentam termos altamente específicos, como “Anvisa” e “Rio de Janeiro”. Pode-se aliar esse posicionamento ao fato de ser um jornal online dirigido a um público mais culto e experiente, que conseguirá acessar essas informações específicas por meio de seus conhecimentos prévios. Logo, o perfil esperado e encontrado nas manchetes provenientes da Folha de São Paulo tendem para a perspectivização de aspectos específicos do assunto abordado, uma vez que possui uma equipe diversificada ideologicamente capaz de agregar informações nas mais diferentes áreas de conhecimento. Há também um comportamento recorrente neste jornal: o uso de expressões agressivas para criticar politicamente, como “enterra” e “ataca”. A longo prazo, essas atitudes proporcionam um maior engajamento de leitores mais experientes na temática tratada.

Diferentemente disso, há o jornal online brasileiro UOL que, recorrentemente, usa manchetes de cunho mais popular, leitura sem necessidade de conhecimentos prévios e com temáticas mais polêmicas, além de se preocupar mais com a interação cibernética do seu leitor. Isso é perceptível, por exemplo, quando se é utilizado a expressão “saiba”, “guerra política” e “habemus cloroquina” com a intenção de superficialmente reter a atenção do público. Por isso, ao invés de conter vocábulos específicos para aprofundar o conhecimento sobre determinada realidade, opta pela estratégia de promover surpresa e curiosidade nos indivíduos a fim de instigá-los a consumir seu produto. Assim, pode-se dizer que os jornalistas que apresentam o perfil do jornal UOL constroem a realidade pautados num posicionamento político para aumentarem a repercussão de suas notícias e ganharem visibilidade.

No que tange ao jornal online G1, nota-se que há uma insistência na utilização de termos acessórios - como “ineficaz” e “de 54 anos” - como forma de opinar e chamar a atenção do leitor, além de fundamentar suas manchetes em um alto nível de especificidade e tecnicidade, aderindo, por exemplo, “Ministério da Saúde” como forma de argumento de autoridade. Dessa forma, por se reportar a um público mais jovem e com nível superior, esse jornal tende a ser mais detalhista em suas manchetes, num processo de ampliação de conhecimento e exposição de opinião. Ou seja, a perspectiva aderida na construção da manchete deste jornal é

sempre fundamentada na ciência, respeitando, então, seu perfil jornalístico voltado ao nível superior.

Nessa circunstância, tem-se o jornal Jovem Pan numa conduta de adesão a termos extremamente específicos nas suas quatro manchetes abordadas, como “Ministério da Saúde”, “Teich” e “CoronaVac”. Associado a isso, ainda demonstra um forte teor político em suas manchetes, mesmo nas notícias que não retratam diretamente sobre esse assunto, como é o caso da manchete sobre o lockdown na pandemia, em que o jornalista aborda a visão de ser “uma guerra política”. Com isso, vê-se que o perfil deste jornal tende a compor seu texto para pessoas mais experientes no âmbito político, utilizando-se demasiadamente de argumentos de autoridade e termos altamente específicos para que sua perspectiva seja considerada relevante e aderida pelos leitores.

Mediante o que ficou exposto, vê-se que ainda reverbera na realidade do século XXI o que Langacker publicou em 1983: “todas as expressões invocam um ponto de vista como parte de seu significado”. Portanto, por mais que busquem neutralizar a escrita de um texto jornalístico, sabe-se que este é um feito impossível dado ser necessário o autor adotar uma perspectiva. À vista do que foi apresentado, torna-se claro que os autores das manchetes jornalísticas - mesmo inconscientemente - reproduzem nas manchetes a perspectiva do perfil da empresa jornalística.

Em vista da necessidade de suprir essa demanda, cabe aos estudiosos da linguagem publicarem trabalhos como este que visam compreender como ocorre esta perspectivização, quais são essas perspectivas e quais são as medidas que podem ser tomadas para minimizar tal influência. Dessa maneira, a população leiga receberá o aparato necessário para escolher por meio de qual veículo jornalístico deseja se informar e, por consequência, qual perspectiva considera melhor tomar como base.

5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. J. The Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- _____. Frames and the Semantics of Understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n.2, p. 222-254, 1985.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: agosto de 2022.
- G1. Disponível em: <www.g1.globo.com/>. Acesso em: agosto de 2022.
- JOVEM PAN. Disponível em: <www.jovempan.com.br>. Acesso em: agosto de 2022.
- LAKOFF, George & Zoltán KÖVECSES. The cognitive model of anger inherent in American English. In Dorothy Holland & Naomi Quinn (eds.), *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 195-221, 1987.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Nova York: Oxford University Press, 1983.
- MAIA, M. A. R. . *Manual de Lingüística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC/SECAD), 2007. v. 5000. 268p .
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos na produção de sentidos. *Revista do Gelne*, Ano 1, Nº 1, 1999.
- _____. *A. Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Produção textual, análise dos gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Foundations of cognitive grammar*. vol. II: Descriptive applications. Standford CA: Stanford University Press, 1991.
- _____. *Lingüística de Texto: o que é, como se faz*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates I, 1983
- SILVA, Caroline Soares da. *Abordagem cognitivista dos usos do Presente em manchetes e subtítulos jornalísticos / Caroline Soares da Silva*. Rio de Janeiro: UFRJ /FL, 2019.

UOL. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: agosto de 2022.

VAN DIJK, Teun A. News schemata. In: COOPER, Charles; GREENBAUM, Sidney (Eds.). *Studying writing: linguistic approaches*. London/ Beverly Hills/ New Delhi: Sage Publications, 1986